

Economias De Comuns Privilégios

Intro

Este artigo baseia-se na observação participante conduzidas ao longo do trabalho de campo do meu doutorado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro ECO-UFRJ. O estudo pretende comparar Rio de Janeiro (BR) e Johannesburg (SA) como duas novas cidades criativas no Sul global. Minha abordagem olha para a criatividade como um dispositivo de controle e um modelo questionável possível produtor de um agravamento da desigualdade.

A observação concentra-se nos efeitos da ativação ou reforço de novas economias dentro de duas sociedades já marcadas por uma profunda desigualdade econômico social (e racial) e a inserção da nova classe criativa dentro de um contexto de relações produtivas locais e globais. Intendo também discutir o significado da modernidade em um espaço pós-colonial globalizado.

Paralelamente à minha pesquisa acadêmica estou desenvolvendo um projeto de produção artística chamado Trilogia da Gentrificação que desenvolvo entre Rio de Janeiro, Johannesburg e Milano.¹ Enfatizo este dado pela importância de se acrescentar, na análise dos meus dados, uma referência etnográfica e bibliográfica de um contexto ocidental (aquele italiano de onde sou originária).

O artigo apesar de introduzir os dois casos estudos (Rio e Johannesburg) escolheu se aprofundar apenas no primeiro.

Capital cognitivo | Economia do Conhecimento | Economia Criativa [and so on]

O mundo parece estar se apelando a novas economias.

Mas o que são estas novas economias ?

No final dos anos '60 quando a economia dos países ocidentais estava na fase final da passagem de uma economia industrial, principalmente manufatureira, por uma economia post industrial, baseada na oferta de bens e serviços e em busca de inovação constante Peter Drucker (1969) cria o termine trabalhador do conhecimento (*knowledge worker*) e começa a quantificar o conhecimento dando vida ao conceito de economia do conhecimento. O conteúdo desta economia era naquela época baseado na busca continua por novas tecnologias, novos softwares, incorporando a inovação tecnológica como prática de desenvolvimento e estimulando uma competição global sempre mais forte. Nos anos '80 Manuel Castells declara que "o conhecimento como geração, processamento e transmissão de informações em rede e globalmente suplantou a terra, o trabalho e o capital como fonte fundamental de produtividade e poder."² O conhecimento resultou em um novo paradigma econômico, aquele da economia "informacional" cujas características centrais são a crescente demanda e produção de informação. Em tempos mais recentes esta "economia do conhecimento" vê alargando os próprios confines no campo das artes e da criatividade assim como a indústria do entretenimento que, segundo o relatório da The Work Fundation UK, tem índices de crescimento duplos daqueles da "general economy."

Torna-se sempre mais comum usar (erroneamente) como fossem sinônimo os termos conhecimento, cultura, criatividade tirando deles qualquer conotação antropológica de identidade e tratar os como um qualquer outro setor financeiro alimentando o mesmo caldeirão da "economia criativa."

O que une estas economias (do conhecimento, informacionais, criativas, compartilhadas etc) é o feito de ser urbanas, se organizar em rede (local e globais), ser produtivas de serviços mais que de produtos.

¹ <https://gentrilogy.wordpress.com/>

² Castells, 2004

Como economias urbanas acompanham (e determinam) as transformações sociais e territoriais do mundo urbano. Passando pelas cidades globais (1990-2000) com a própria função de controle de capital através das grandes multinacionais - impulsionadoras de uma economia competitiva e em perene busca inovadora - até chegar à crise econômica mundial atual (2000-2016) e ao apelo ao modelo da cidade criativa como salvação através da capitalização e mercantilização da cultura e do conhecimento. Como economias em rede se alimentam e reproduzem através de networking locais e internacionais cujo acesso fica reservado entre uns agentes econômicos eleitos em base à capacidade de mobilizar recursos, informações, contatos entre a audiência das elites econômicas e culturais locais, assim como a capacidade de reprodução da própria rede nos circuitos globais. Os retornos destas economias não se limitam mais simplesmente aos valores econômicos mas visam também à comercialização institucional e ao valor publicitários e de internacionalização que os seus agentes sabem produzir. Como economia produtivas de serviços este é o elemento central das novas economias. A libertação das fadigas corporais do labore pela escravidão mental da produção de nada. No capitalismo cognitivo a finanças, o conhecimento e a própria capacidade relaciona (de criar e manter este networking) são o motor da acumulação e o local da exploração.³

Enfim a cadeia é grande e a análise da diferenças entre conhecimento, cultura e criatividade intrincada mas o que interessa a este artigo é que as “indústrias criativas” estão na época atual sempre mais comprometidas em ocupar cidades em desenvolvimento em todo o Sul global, entre elas as duas que estudo: Johannesburg (SA) e Rio de Janeiro (BR).

E quem move esta nova economia?

Em oposição à produção em massa fordista, a especialização flexível e a mobilidade global resultam na saída do local de produção da fábrica para o *working space* compartilhado.⁴ O *cluster* ou polo ou distrito organiza-se entorno de *working spaces* compartilhados úteis ao novo modelo de produção baseado (aparentemente) na colaboração, no *sharing*. Muitas vezes as empresas atuam de forma complementar trocando as diferentes expertises de cada área de atuação reforçando aquela sensação de “comunidade” que esta a base da proposta.

Estudando gentrificação no Sul global torna-se evidente uma quase automática coincidência entre estes novos agentes produtivos e os chamados gentrificadores, ou seja os impulsionadores do fenômeno da gentrificação.⁵ Sklair (2001) os divide em “profissionais globais, principalmente nas áreas de técnicas gerenciais (*technical managerial occupations*) e ocupações relacionada a intelligentsia liberal (*liberal intelligentsia*)⁶ que formam uma fração da classe capitalista transnacional, uma elites de fornecedores de serviços e de consumidores que se reproduz em escala global.”⁷ Nos casos específico do meu estudo – o Distrito Criativo do Rio de Janeiro e o Maboneng Precinct em Johannesburg - são atividades relacionadas ao design, arquitetura, publicidade e marketing, novas tecnologias, cultura e sustentabilidade, música e produção audiovisual. As empresas são conduzidas por jovens profissionais com perfis plurais, como freelancers, empreendedores, artistas e professores, com idade variável entre 25 e 40 que: no caso do Rio se definem como “um networking orgânico com forte potencial de transformar a cidade e agitar os

³ Veja-se Fumagalli 2016, pp. 55-80.

⁴ Veja-se Augustin, 2015, pp 65-77

⁵ No meu estudo observo ao fenômeno da gentrificação como “A produção social do espaço urbano no plano das lutas de interesses e objetivos de classe; ou seja como produto social de um modo específico de produção, marcado pela reestruturação econômica que é característica do capitalismo tardio e avançado, particularmente condicionado por um regime de acumulação de capital mais flexível” (Smith, 1979)

⁶ O primeiro grupo tem diplomas em ciências ou administração. O segundo grupo, a intelligentsia liberal, tem diplomas em artes, humanidades, mídia ou ciências sociais e tendem a trabalhar em profissões criativas, de mídia ou de educação.

⁷ Segundo Rofo (2003) esta nova classe social visa à criação de uma “pessoa global” parte de uma imaginária comunidade cosmopolita global. Na minha observação diria que a criação de uma quase identidade transnacional por parte dos gentrificadores do Sul global parece apontar a uma identidade coletiva entre “eles” e “os outros” criativos globais, mantendo uma clara divisão entre “eles” e “os outros” locais

negócios da área portuária”⁸; no caso de Maboneng como “uma tribo crescente de residentes, empreendedores e visitantes que esta conectando-se ao coração e à essência da cidade de Johannesburg.”⁹ O que os une é o feito de ambos se ver como inovadores sociais transformadores das sociedades aonde vivem.

O Caso Rio

Desde os anos noventa o Reino Unido torna-se o modelo a ser seguido na adoção de uma estratégia econômica baseada no fortalecimento da criatividade e das novas tecnologias, centrado na importância da cultura para o crescimento econômico, a geração de empregos, exportações e turismo. Esta tendência foi a resposta do governo à crise econômica interna (por ele mesmos gerada) consequente à transferência de grande parte do manufatureiro do Reino Unido para Ásia. A cultura, no começo explorada “apenas” como veículo pela inclusão social, torna-se importante recurso econômico. O Brasil, e mais ainda a atual cidade olímpica, parece acompanhar uma trajetória parecida. O tema da economia criativa entra no contexto Brasileiro associando-se à políticas sociais e culturais destinadas a pessoas de baixa renda (pensa-se nos programas de economia solidaria ou editais mais recentemente reunidos no guarda-chuva de Favela Criativa). Porém, com a explosão da economia do País e com a eleição do Rio a Cidade Olímpica, passou-se de uma visão da cultura como veículo de inclusão social por uma de ferramenta de retorno econômico, visibilidade e internacionalização útil aos interesses do poder publico e dos investidores privados que se tornam os maiores apoiadores de empreendimentos criativos.

Naturalmente¹⁰ a escolha (das Parcerias Publico Privadas PPP que administravam a cidade olímpica) foi aquela de centralizar a “indústria criativa carioca” no Porto Maravilha e assim foi criado o Distrito Criativo, um território (físico e social) que torna visível como a maioria dos investimentos (tanto públicos como privados) não apenas econômicos mas também políticos têm como objetivo o fortalecimento exclusivo de uma economia de serviços de alta tecnologia que possam atrair no mercado local empresas multinacionais, ignorando a importância de atividade econômicas locais pré-existentes ao Porto Maravilha, muitas vezes informais. Explicita-se assim a polarização entre ricos profissional e pobres trabalhadores reflexa na configuração espacial da cidade com um aumento da divisão entre territórios de pobreza e informalidade (típicas de uma metrópole do Sul global) e territórios (como aquele do Distrito Criativo) de crescimento econômico exclusivamente direcionado a uma certa camada social.

E’ exatamente dentro destes polos territoriais produtivos que novas ideias do comum ressurgem através da aglutinação de pessoas em busca de outras forma de “estar e produzir” juntos em prol de objetivos a serem construídos coletivamente.

Mas coletivamente por quem? A partir de quais objetivos e pressupostos comuns?

Utilizarei aqui três exemplos para explicar melhor esta ultima observação: o Colaboramerica (www.colaboramerica.org); a Junta Local (www.juntalocal.com) e por fim o Congresso dos Irreais - Como viver no capitalismo sem dinheiro? (www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/congresso-dos-irreais).

O primeiro é “um evento de inovadores sociais e digitais, cuja missão é promover mudanças sistêmicas e construir uma nova economia na América Latina.” O objetivo é aquele de reunir “empreendedores, líderes de negócios, policy-makers e cidadãos de todo o continente para repensar e propor à América Latina um modelo de desenvolvimento mais consciente.” Observando os comentários ao evento na pagina facebook do mesmo, reparei na repetição dos mesmos questionamentos em relação à diversidade, discriminação racial, discriminação de gênero, deficiências físicas, desigualdade econômica. O evento, numa forma bastante hipócrita, tinha acesso gratuito todos os dias mas as palestras mais influentes eram pagas

⁸ <http://www.districtcriativo.com.br/> o domínio esta a uns meses bloqueado

⁹ <http://www.mabonengprecinct.com/>

¹⁰ Esta escolha “natural” remanda a leitura do artigo publicado por Tom Slater titulado “There Is Nothing Natural About Gentrification”

130,00R\$. Ou seja: fingimos de ser abertos a todos e todas mas as palestras de experiências – praticas e troca de conhecimento consideradas mais valiosas se cobram. Dizem os organizadores que a comida não era cara (20R\$ a refeição) mas os participantes que entendessem passar o dia no local com programação de manha ate a noite queixam-se do preço. Este é um exemplo da incapacidade de realmente reforçar politicas de diferencias. Incentivar de facto a criação de espaços de diversidade. Obviamente por quem esta acostumado a comer na zona sul do rio 20R\$ podem aparecer pouca coisa. Diferentemente pode ser por pessoas que não tem o mesmo poder aquisitivo ou simplesmente, os mesmos hábitos. Estas pessoas são quase que automaticamente excluídas porque na verdade nunca existiu uma genuína vontade de incluí-las. Sobre a questão da participação e diversidade promovida no evento significativa aparece uma troca de comentários entre um dos organizadores e um dos participantes:

Organizador: “Estamos a mais de 1 ano promovendo reuniões abertas com uma quantidade sem fim de pessoas...”

Participante: “Se essa info não chegou à periferia, não chegou aos surdos, não chegou p quem é fora do Rio, pra quem ela foi disseminada? Para a rede que já existia? Ou pra novas pessoas?”

Resulta bastante estranho pensar que jovens novos profissionais hiper especializados e preparados, seguidores das mais inovadoras formas de comunicação e tecnologia continuem mantendo os mesmos problemas de inclusão social dos projetos de umas décadas passada. E’ mais provável que simplesmente estes networkings ou redes ainda se demostrem não abertos e intencionados a abrir-se.

O segundo apresenta-se como “uma comunidade pela comida local e justa, ajuntando quem come e quem faz.” Uma comunidade feita através de “uma curadoria que privilegia produtos artesanais, fabricados em pequena escala e sem uso de porcarias.” Acrescenta-se “Faça parte de um movimento maior pela reforma do sistema alimentar. Conscientize-se localmente e ajude a mudar globalmente. Cada Junta é mais do que uma feira, é um lugar de encontro da comunidade em torno na comida. É preciso celebrar e se ajuntar comendo, bebendo, e se unindo para criar um novo sistema alimentar.” No entretanto não existe menção alguma a assuntos centrais dentro das politicas brasileiras como reforma agraria, segurança alimentar, agricultura familiar. Ou seja, estamos longe do apoio à pequena produções locais de agricultura familiar de pequenos campesinos: “Remexer a terra, botar a mão na massa cansa e consome o tempo do pequeno produtor. Por isso queremos ajudar com o resto. Juntos desenvolveremos uma plataforma de venda, divulgação e comunicação.” (website) Como o site declara “o modelo inspira-se na economia criativa e compartilhada” e local entende-se conhecido: “por local não entendemos necessariamente proximidade geográfica. O potencial do local se completa com a informação. “A maioria dos produtos disponíveis da Junta serão sempre locais, feitos independentemente por gente conhecida.” Ainda “conhecer quem produz o que você põe no prato é uma forma de aproximação” “só há aproximação com transparência e confiança.” Aperfeiçoa-se um dos principio básico das *sharing economies*. Na Europa e nos Estados Unidos à base da *sharing economy* está a confiança digital. Arun Saranday (2016) afirma “No espaço de vinte anos passamos de um forma de comprar produtos em relação um a um através do Ebay para aceitar estranhos em sua casa ou aceitar de entrar no carro com estranhos. Em parte é uma questão cultural, em parte é o resultado de novas identidades individuais que são criados com as redes sociais e que podem ser verificadas através dos comentários de outros usuários na plataforma, paginas de Facebook ou LinkedIn.” Em sociedade extremamente divididas por classes como aquelas brasileira e sul africana acrescenta-se a este tipo de controle, um controle social definido pelo pertencimento a círculos fechados pré-definidos por acesso diferenciados baseado na própria classe e cor desde o sistema escolar.

O terceiro é um evento de arte organizado pelo artista mexicano José Miguel Casanova no Museu de Arte do Rio MAR que pretende “ nos reunir[emos] em busca de respostas para as seguintes perguntas: como viver no capitalismo sem dinheiro? Quais outras organizações de formas de produção, consumo e troca podemos considerar atualmente como possíveis e desejáveis?” Aqui também a proposta volta a ser aquela de discutir “outras formas de produção, consumo e troca, de habitação a mobilidade, de educação a alimentação” tudo isto tendo como cenário o novo Porto Maravilha aonde o MAR se situa e através de uma

proposta que pede a colaboração de convidados “de relevância reconhecida em suas áreas do conhecimento” que serão pagos com uma moeda que não tem valor. O projeto levanta questões em termos do território físico aonde se realiza e em termos do próprio conteúdo. O Congresso em sim já representa uma “outra forma de produção.” Exatamente aquelas novas formas de produção artístico culturais que a Prefeitura do Rio, junto com os seus parceiros particulares e através dispositivos como aquele oferecidos pelos novos museus, intendem promover sempre mais. São estas novas economias (ou formas de produção) que estão varrendo da área portuária as economias originaria ligadas as atividades portuária e informais que mereceriam ser questionadas. Assim como mereceriam ser questionadas os efeitos desta higienização produtiva na civilização dos hábitos e dos consumos locais. Por fim, que tipo de troca este projeto quer propor? Parece uma troca exploratória sempre mais típica dentro do trabalho intelectual e cognitivo. Num mundo aonde estamos sempre mais explorados, intelectualmente, fisicamente, emotivamente, assistimos a uma (outra) ação artística criativa ofensiva da realidade do local e exploratória (ou auto-exploratória) das capacidades das pessoas. O que surpreende são as razões que levam as pessoas a se entregar a estas dinâmicas. Confirma-se como estas novas economias não afetam apenas as formas produtivas, torna-se claro que estamos falando de formas de vida, aspirações, decisões e poder.¹¹

Observações

Duvido que uma pessoa que mora numa cidade do Sul global nunca teve a experiência de ir à abertura de uma exposição, uma estreia de uma peça de teatro ou de cinema, um festival de musica, a entrega de um premio ou lançamento de um novo empreendimento criativo digital ou que seja sem ter visto (a não ser que não quer ver) a dualidade das economias presentes: tem pessoas vendendo arte criatividade inovações sociais (assim fazendo alimentando à própria visibilidade “na rede”) e tem outras continuando sendo exploradas (as vezes até sendo vendidas) para alimentar esta visibilidade que está na base do “fazer rede” do “clustering” dos networking locais e globais das economias do conhecimento e criatividade.

A ideia (e em parte realidade) difundida na Europa ou nos Estados Unidos que os beneficiários e motores destas economias sejam representantes da classe media/baixa não se aplica no traslado destas economias no global South. Tomando como exemplo os clássicos Uber ou Airbnb. Não é a classe mais pobres que poderá beneficiar-se desta redistribuição de riqueza melhorando as próprias condições de vida. Os efetivos beneficiários serão os que pertencem a uma classe médio/alta com possibilidade de ser transportados pagando menos (e sem se preocupar das condições trabalhistas das pessoas que nos transportam) e de alugar as próprias casas de propriedade ou ao menos bastante confortáveis por poder dispor de um quarto para alugar.¹²

As pessoas gostam falar do valor simbólico do compartilhamento, do *sharing*, da redescoberta de novos valores de horizontalidade e produção de novos laços sociais mas esta visão não dá conta que na verdade continuamos falando de troca de serviços versus pagamento.¹³ Não trata-se de uma economia de compartilhamento estrito sensu mas de uma nova forma de capitalismo. Da mesma forma desconsidera-se que estas novas economias na Europa surgiram como uma resposta à crise econômica global enquanto no Sul global parecem ser um cruzamento entre uma emulação ocidental movida pela corrida à modernidade e o recurso à novas forma de auto empreendedorismo sempre mais individualista e classista vindo de uma especifica camada social que aproveita do próprio capital (leia-se privilegio) por começar novas empresas. Tudo isto apresentando-se como “inovadores sociais e digitais” promotores de uma nova economia na América Latina mais consciente.

A partir dos exemplos dados, fica difícil individuar uma “maior consciência econômico social” dentro de

¹¹ Veja-se Laura Burocco, Congresso dos Irreais, Museu de Arte do Rio - MAR: Tá Tudo Errado

¹² Sobre as condições de trabalho dos motoristas do Uber em South Africa pode se ler Kimon de Greef Uber & Out in Cape Town

¹³ Neste sentido prefere se falar de crown-based capitalism capitalismo baseado nas massas em vez que de sharing economy ou economia baseada na troca. Crown economy é um conceito cunhado em 2011 por Reinaldo Pamponet.

feiras orgânicas colaborativa ou eventos inovadores feitos quase que exclusivamente por brancos de classe media alta. Outro elemento a ser considerado é como pode acontecer que estas novas economias no Sul global, da mesma forma que gostam de se apresentar como novos gerenciadores sociais promotores de novas economias e valores, na realidade acabam frequentemente explorando as diversidades que declaram de querer reforçar. Faz poucos meses que o Motherboard publicou um artigo com titulo “*Millennials on Spirit Quests Are Ruining Everything About Ayahuasca*” (2016) alertando sobre o aumento do consumo de ayahuasca não para fins religiosos mas de recreação, eu diria modismo. Assusta ver como o muitos destes “inovadores sociais” – por exemplo - estão próximos destas re-apropriações culturais indígenas através da promoção de marcas ou produções culturais que se inspiram nela. Parece quase de assistir a uma nova onda new age dos anos ’70. Os novos compradores criativos estão ficando ricos devido à própria situação de privilegio que os permite de aparentemente criar “novas formas produtivas”, algumas vezes até através formas de re-apropriação cultural. Fala-se que cultura não tem dono e desta forma não pode se falar de re-apropriação cultural.¹⁴ Singularmente esta afirmação parece ter valor apenas quando referida à cultura dos outros. Estes novos criativos parecem se tornar evangélicos da onda colaborativa e do compartilhamento. Mas se é inegável que esta abertura ao compartilhamento existe porem ela existe apenas através de um gerenciamento por nome, por família, por colégio onde estudaram. Ou seja por uma serie de “conforto de classe” que continuam permanecendo os mesmos. O principal meio de produção nas indústrias criativas é o ensino superior. Mas as restrições ao acesso ao ensino superior, incluindo a privatização e a profissionalização, garantem que estes meios continuem fora das mãos da maioria das pessoas. Exatamente aqueles que continuam reclamando de não ter sido chamados para o evento Colaboramerica. Simplesmente não são chamados porque continua transparentes aos olhos da rede criativa elitista que mantem vivas estas “novas economias”.

Hoje, as indústrias criativas não apenas negam à maioria das pessoas os meios de produção mas também saqueia o que de mais importante existe: a própria subjetividade e identidade cultural. Afirma Kevin May (2016) “Se mais coisas são livres ou baratas, algumas pessoas podem ganhar dinheiro fazendo e vendendo as. Ao invés quando algo fica reduzida a um aplicativo baseado no *cloud*, relativamente poucas pessoas podem fazê-lo e vendê-lo ao redor do planeta e arrecadar todo o dinheiro. Considere mapas. Varias empresas produzi-as e imprimir-as, e muitas lojas, as vendiam. Hoje, há uma empresa que importa globalmente mapa pelo consumidor: Google, com sede em Mountain View, Califórnia. Google acumula todo o dinheiro da produção das mapas e a maioria dos empregos que estavam ao redor da produção desses mapas sumiram.” Estas novas tecnologias estão matando empregos e encolhendo salários. Qual pode ser o efeito dentro de sociedades aonde o acesso à educação é tão complexo como no Brasil e na África do Sul?

Conclusões

Tantos são os exemplos de experiências promotoras de processos de produção e inovação social no atual contexto do Rio de Janeiro ao ponto da cidade estar tomando o lugar de São Paulo em termos de referência internacional. No nível local, dentro deste novo contexto não apenas produtivo mas de formas de vida, experiências como aquelas promovidas pelas assim dita *sharing economies* parecem ser promotores de uma versão contemporânea dos ajustes estruturais que marcaram as economias da América Latina no final dos anos 80. Receituário de novidades produtivas funcionando sem se preocupar em questionar as sociedades aonde se aplicam. No nível global estas conexões de indivíduos evidenciam a existência de uma concorrência continua na busca de oportunidades e recursos por manter vivas as próprias iniciativas agravando sempre mais a desigualdade (especialmente no global South) nos acessos às recursos econômicos e culturais.

As indústrias criativas estão se tornando uma armadilha contra o desenvolvimento urbano no Sul global,

¹⁴ Esta fui a afirmação do dono de uma marca de design de joias carioca produzidas através da colaboração com tribos indígenas da Amazônia durante uma mesa redonda chamada “Design em dialogo: da imaginação coletiva ao processo criativo” realizado no espaço do Centro Carioca de Design em Dezembro 2016

engolindo espaços e vozes na busca de umas tendências distorcidas de progresso que leva à normatização de conceitos estéticos e de subjetividades. Fenômenos de gentrificação e de apropriação culturais como aquele que estamos assistindo nas novas cidades criativas do global South, podem ser vistos como uma nova forma de colonialismo impulsionado não apenas por exploradores externos (ocidentais) mas também por exploradores nativos incapazes de ver o “outro” dentro da própria realidade, obcecados por aquele mundo “lá fora” que querem firmemente reproduzir “aqui dentro.” O resultado é que atrás de uma aparente nova onda colaborativa, indivíduos criativos altamente especializados capturam insights de uma imaginação coletiva ao fim de estabelecer enclaves de pertencimento de elites de poderes econômicos e sociais e reforçar divisões de classes em países já marcados por um histórico de grave desigualdade.

Londres não é Rio que não é Johannesburg que não é Milão. Na aplicação destas “formulas econômicas” é preciso impulsionar uma visão atenta e crítica dos diferentes contextos para evitar que estas se tornem plataformas de agravamento da exclusão social e desigualdade econômica. O reforço de novas formas econômicas efetivas poderia tornar-se uma importante ferramenta de resistência à homogeneização e pacificação da experiência urbana imposta pelo modelo capitalista em torno do mundo globalizado.

Walter D. Mignolo (2016) falando sobre revoluções modernas na Europa e as revoluções modernas/coloniais nas colônias declara que “enquanto, na Europa, a burguesia subiu ao poder, nas colônias, a elite colonial era basicamente uma elite de proprietários de terras e minas dependente dos efeitos crescentes da Revolução Industrial. Trata-se de uma elite ao serviço da burguesia europeia, que fornecia recursos naturais para a Revolução Industrial.” É preciso que estes inovadores econômicos muitas vezes descendentes desta elite colonial se liberem desta dependência e pelo contrário reforcem novas formas produtivas como ferramentas descolonizadoras e não como reforço a uma nova chamada de opressão econômica.

Bibliografia

Agustín, O., 2015. The Common and Its Potential Creativity Post-Crisis Perspectives, em Creative Capitalism, Multitudinous Creativity, Radicalities and Alterities, organizado por Giuseppe Cocco e Barbara Szaniecki, Lexington Books, pp 65-77;

Burocco, L., 2016. Congresso dos Irreais, Museu de Arte do Rio - MAR: Tá Tudo Errado disponível em <https://www.facebook.com/notes/laura-burocco/congresso-dos-irreais-museu-de-arte-do-rio-mar-t%C3%A1-tudo-errado/10153786882036973> ;

Castells, M., 2004. La città delle reti, Marsilio Editore;

de Greef K., 2016. Uber & Out in Cape Town disponível em <http://www.theconmag.co.za/2016/06/09/uber-out-in-cape-town/> ;

Drucker, P., 1969. The Age of Discontinuity: Guidelines to Our Changing Society, Heinemann London;

Fumagalli, A., 2016. Precarietà. Capitalismo bio-cognitivo, trappola della precarietà, reddito di base incondizionato: la crisi della governance istituzionale em S. Cingari, A. Simoncini (organizado por), *Lessico Postdemocratico*, Perugia Stranieri University Press, Perugia, pp. 55-80;

Lopes M., 2016. Millennials on Spirit Quests Are Ruining Everything About Ayahuasca, disponível online em <http://motherboard.vice.com/read/millennials-on-spirit-quests-are-ruining-everything-about-ayahuasca>

Maney, K., 2016. Why the World Hates Silicon Valley disponível online em <http://www.newsweek.com/2016/06/17/silicon-valley-takeover-468182.html>

Mignolo, W., 2016. Só descolonização da subjetividade trará mudança à América Latina. Entrevista disponível online em <http://www.dw.com/pt-br/s%C3%B3-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-da>

[subjetividade-trar%C3%A1-mudan%C3%A7a-%C3%A0-am%C3%A9rica-latina-diz-walter-mignolo/a-5285265](#) ;

Rofe M, 2003. I want to be global: theorising the gentrifying class as an emergent elite global community, Urban Studies 40, pp 2511 -2526

Saranday, A., 2016. The Sharing Economy. The End of Employment and the Rise of Crowd-Based Capitalism, MIT Press;

Slater, T., 2014 There Is Nothing Natural About Gentrification disponível online em New Left Project http://www.newleftproject.org/index.php/site/article_comments/there_is_nothing_natural_about_gentrification;

Smith, N., 1979. Towards a theory of gentrification: a back to the city movement by capital not people, Journal of the American Planning Association, 45, pp.538-548;

Sklair L, 2001 The Transnational Capitalist Class, Blackwell, Oxford.